

## HOMOSSEXUAL E PATRIOTA: TRÊS VERSÕES DE ROGER CASEMENT COMO PERSONAGEM DE FICÇÃO

*Homosexual and Patriot: Three versions of Roger Casement as a fictional character*

Mariana BOLFARINE

Universidade Federal de Rondonópolis

marianabolfarine@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3342-2547>

**RESUMO:** O revolucionário irlandês Roger Casement, aclamado por expor atrocidades cometidas contra a humanidade no Congo Belga e na Amazônia peruana, foi impedido de alcançar status de herói revolucionário, entre outros motivos, devido a um conjunto de diários de cunho homossexual conhecido por *Black Diaries*, Diários Negros, encontrados pelo Ministério do Interior britânico. Neste artigo discute-se a representação de Roger Casement como personagem em três romances que desafiam a crença de que patriotismo e homossexualidade são características mutuamente excludentes: *At Swim, Two Boys* (2001) de Jamie O'Neill, *O Sonho do Celta* (2011) de Mario Vargas Llosa, e em *The Knight of the Flaming Heart* (1995) de Michael Carson, Casement é um espírito, interferindo na vida dos habitantes de Ardfert, no Oeste da Irlanda. A fundamentação teórica está baseada na teoria de gênero sexualidade e nas principais biografias sobre Roger Casement. **PALAVRAS-CHAVE:** Roger Casement; patriotismo; homossexualidade; performatividade.

**ABSTRACT:** The Irish revolutionary, Roger Casement, acclaimed for exposing atrocities committed against humanity in the Belgian Congo and the Peruvian Amazon, was prevented from achieving the status of a revolutionary hero, among other reasons, due to a set of homosexual diaries known as *Black Diaries*, found by the British Home Office. This article discusses the representation of Roger Casement as a character in three novels that challenge the belief that patriotism and homosexuality are mutually exclusive characteristics: *At Swim, Two Boys* (2001) by Jamie O'Neill, *The Dream of the Celt* (2011) by Mario Vargas Llosa, and in Michael Carson's *The Knight of the Flaming Heart* (1995). The theoretical underpinning is based on gender theory and on the main biographies about Roger Casement.



**KEYWORDS:** Roger Casement; patriotism; homosexuality; performativity.

## ROGER CASEMENT E A MASCULINIDADE NA ERA VITORIANA

Nascido em Sandycove, Dublin em 1864, Roger David Casement foi um cônsul britânico aclamado pela autoria de relatórios expondo atrocidades cometidas contra os nativos do Congo belga e da Amazônia peruana durante o auge do ciclo da borracha no início do século XX. Por não coletar as quotas que lhes eram impostas, nativos dessas regiões – homens, mulheres e crianças – eram flagelados, tinham membros amputados e sofriam de inanição. Após testemunhar tais atrocidades, Casement voltou-se contra o império britânico e aderiu à causa da independência da Irlanda. Buscou apoio da Alemanha durante a Primeira Guerra mundial, e foi preso ao retornar à Irlanda em um submarino U19 para participar do Levante da Páscoa de 1916, que buscava a sua independência do Reino Unido. Durante o julgamento de Casement por alta traição à Coroa, diários de conteúdo homossexual, os *Black Diaries*, foram encontrados pelo Ministério do Interior, minando um pedido de clemência, que resultou no seu enforcamento aos 3 de agosto de 1916.

Em vida, Casement foi aclamado por expor crimes contra a humanidade, porém foi impedido de alcançar status de mártir e herói revolucionário por conta da sua traição mas, principalmente, devido aos *Black Diaries*. Afinal, um patriota não poderia ser homossexual, sobretudo na Irlanda, um país em que a moral e os bons costumes eram regidos pela igreja católica. A estratégia do Ministério do Interior Britânico<sup>1</sup> de circular excertos dos *Black Diaries* encontrados no aposentos de Roger Casement durante seu julgamento foi eficaz e resultou no silenciamento acerca de seu legado na Europa, África e América do Sul por quase um século.<sup>2</sup> Esse *modus operandi* fazia sentido na Inglaterra do início do século XX, pois, apesar de a morte de Casement coincidir com o reinado de Jorge V, marcado pelo início da Primeira Guerra e coincidente com as origens do Modernismo, esse foi um período em que a herança sociocultural da sua antecessora Vitória, ainda estava presente.

A era vitoriana foi um período regido por normas de conduta que determinavam como um indivíduo deveria se comportar nos espaços público e privado. Segundo Michel

---

<sup>1</sup> A fonte das informações biográficas é o livro *Between Angels and Demons: Trauma in Fictional Representations of Roger Casement* (2018), de minha autoria, que apresenta uma análise de obras ficcionais que tratam de Roger Casement à luz da teoria do trauma cultural.

<sup>2</sup> A comemoração do ano de 2016 do centenário do Levante de Páscoa e da sua morte foi a primeira na qual a figura de Roger Casement foi homenageada.

Foucault (1988), no século XIX a sexualidade passou a ser praticada entre quatro paredes visando à procriação. Por conseguinte, a atividade sexual que desviasse dessas normas de conduta, passava a ser criminosa e mesmo punida pela lei britânica. A descriminalização das relações homossexuais entre homens teve início com o Wolfenden Report de 1957. Contudo, a descriminalização, de fato, se deu apenas em 1967 na Inglaterra, sob o Sexual Offences Act e na Irlanda em 1993 (BOLFARINE, 2018).

Nesse esteio, a não convencionalidade era uma ameaça perigosa, não apenas para a saúde individual, mas também para a saúde do Estado. Segundo Foucault, no século XIX houve uma “caça às sexualidades periféricas e à nova especificação dos indivíduos.” (Foucault, 1988, p. 50). Foucault cita como exemplo de sexualidade periférica a sodomia, como era conhecida a prática sexual entre homens, que acabava por definir o sujeito em todos os níveis:

O homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter [...] nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa a sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas [...] inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo, já que é um segredo que se trai sempre. (FOUCAULT, 1988, p. 50)

Podemos, portanto, traçar um paralelo entre a homossexualidade no século XIX, segundo Foucault (1988), e a condição ambivalente que passa a ser ocupada por Roger Casement, pois a partir do momento em que os *Black Diaries* foram descobertos, tornou-se uma tarefa complexa separá-los de sua personalidade.

No contexto específico da Irlanda dos séculos XIX e início do XX, a teórica Kathryn Conrad (2004, p. 21) afirma que a sexualidade ocupava um “lugar” de desconforto. Segundo a autora, ao ultrapassar a fronteira familiar, a homossexualidade poderia servir de ameaça à estabilidade da nação, pois por não serem considerados reprodutores, “[...] os homossexuais, bem como suas uniões, desafiam a inevitabilidade e a segurança da noção que se tem da célula familiar como o único grupo ‘natural’ e fundamental da sociedade.” (Conrad, 2004, p. 21-22, tradução minha)<sup>3</sup>

Apesar de a “célula familiar” ser a configuração social mais valorizada, segundo Conrad (2004), o estilo de vida de Casement, constantemente viajando e solteiro, era socialmente aceito para os homens. Desde a segunda metade do século XVIII até o princípio do XX, era comum ser um explorador celibatário em uma sociedade na qual,

<sup>3</sup> “[...] homosexuals and homosexual unions challenge the inevitability and security of the family cell as the only “natural” and fundamental unit group of society.” (Conrad, 2004, pp. 21-22)

de acordo com Bram Dijkstra, as mulheres poderiam desviar homens dos seus deveres imperiais, traduzidos por uma glorificação das virtudes de sacrifício e abstinência (cf. Dijkstra, 1986, p. 235).

Didier Eribon (apud DORLIN, 2008) versa sobre a “encenação de si”, característica dos sujeitos marginalizados e estigmatizados: “É justamente [...] porque um homossexual deve por tanto tempo performar o que ele não é que ele só pode ser o que é performado” (ERIBON apud DORLIN, 2008, p. 107). A esse respeito, Judith Butler, em *Problemas de Gênero* (1990) distingue as categorias de gênero e sexo biológico, à medida que o gênero “constrói o caráter fundamentalmente não construído do sexo” (BUTLER, 1990, p. 25, apud DORLIN, p. 111). Portanto, segundo Dorlin (2008), apesar de limitado e constituído por marcadores sexuais, o corpo sexuado é o efeito de relações de poder a partir das quais é moldado e disciplinado, o que remete ao que Butler chama de “matriz heterossexual”, um sistema articulado a uma heterossexualidade obrigatória (DORLIN, 112).

A complexidade da relação entre homossexualidade e nação está presente quando se trata de Roger Casement, cuja trajetória profissional e pessoal era muito admirada pelo seu círculo de amigos que incluía intelectuais, escritores e artistas de diferentes países. Até onde se sabe, a homossexualidade de Casement não era suspeitada por aqueles com quem convivia. Em sua biografia, Ó Síocháin (1998) afirma que os amigos e conhecidos de Casement, até mesmo os mais próximos, como o jornalista E.D. Morel, os escritores Mark Twain, Arthur Conan Doyle e a historiadora Alice Stopford Green e a prima, Gertrude Bannister permaneceram convencidos, até o final de suas vidas, de que sua suposta homossexualidade era inconcebível.

Tendo isso em mente, a seguir discutirei a representação de Roger Casement como personagem em três romances que desafiam a crença de que patriotismo e homossexualidade são características mutuamente excludentes: *At Swim, Two Boys* (2001) de Jamie O’Neill, *O Sonho do Celta* (2011) de Mario Vargas Llosa, e em *The Knight of the Flaming Heart* (1995) de Michael Carson, Casement é um espírito, interferindo na vida dos habitantes de Ardfert, no oeste da Irlanda.

## **O HOMOSSEXUAL E CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO: ROGER CASEMENT EM *AT SWIM, TWO BOYS***

*At Swim, Two Boys* (2001), escrito por Jamie O’Neill, homossexual e irlandês, é um romance sobre dois amigos, Doyler Doyle e Jim Mack que, sob influência do “mentor” Anthony MacMurrough, planejam nadar até uma pequena ilha na Baía de Dublin, pouco antes do Levante de Páscoa de 1916, para plantar uma bandeira irlandesa e consumir seu

amor. O tema norteador de *At Swim, Two Boys* é a necessidade de se olhar para o passado a fim de se construir o que os meninos chamam de uma “nação do coração”, uma na qual os “párias” que não se enquadravam nas categorias fixas de gênero da época, seriam bem-vindos e aceitos. Segundo Eve Patten, o que difere *At Swim, Two Boys* do romance histórico tradicional, é a maneira como personagens de ficção interagem com a “[...] caricatura de revolucionários irlandeses e veteranos da Primeira Guerra Mundial, vistos sob a perspectiva deslocada da homossexualidade adolescente.” (PATTEN, p. 263)

Meu argumento baseia-se na premissa de que a ausência de Roger Casement como personagem de fato, no romance, não implica sua exclusão do projeto nacionalista de transformar a Irlanda em uma “nação independente”. Ao contrário, sua presença indireta paira como uma sombra sobre o ideal ambicioso e anacrônico de se construir uma nação mais inclusiva.

*Não por acaso*, os personagens Eva e seu sobrinho Anthony MacMurrough são o canal através do qual o personagem baseado em Roger Casement é construído. Eva é nacionalista e um amálgama de figuras históricas femininas que cooperaram diretamente com o Levante de Páscoa em Dublin. Não obstante o seu modo progressivo de pensar, Eva se opõe à sexualidade do sobrinho, MacMurrough, com quem vive após ter passado dois anos numa prisão inglesa pela prática de atos indecentes com outro rapaz. Apesar de Eva tentar arranjar-lhe um casamento, MacMurrough continua tendo um caso com Doyler, um dos meninos, e se apaixona por Jim, resultando em um triângulo amoroso.

Como Casement estava na Alemanha no ano que precedeu o Levante, O’Neill recria um contexto no qual Eva se afeiçoa a ele. Assim, é por meio de suas memórias e reflexões sobre Casement que o leitor tem acesso ao papel que ele desempenhou no Levante. Eva também estava ativamente envolvida com a revolução e, numa tentativa de contrabandear armas para os Voluntários Irlandeses, ela bate seu carro contra um poste e vai para a prisão. Do hospital militar, ela é informada que o Levante fora cancelado e fica desapontada, sobretudo quando ouve que Casement fora apreendido.

No domingo de Páscoa, às vésperas do Levante, Eva é autorizada a assistir à missa com o sobrinho, MacMurrough. Enquanto o padre lia um sermão sobre um túmulo, ela observava um jovem coroinha trajando, sob a sua veste, um uniforme dos Voluntários Irlandeses. Eva tem uma epifania ao perceber que o sermão na verdade *não era sobre* a ressurreição de Cristo após sua crucificação pelos romanos. A mensagem que chega a Eva é a do renascimento da nação irlandesa, e o agente de transformação não era um líder religioso, mas o próprio coroinha, cujas mãos pálidas se transformavam nas mãos de Casement. No entanto, Eva teme que esse menino tenha que lutar por conta própria, pois

Casement, que seria a pessoa ideal para guiar os jovens soldados na luta pela liberdade, aguardava sua sentença em Londres.

Falar sobre a sexualidade de Casement no ano de 1916, em que se passa o romance, “envolveria aplicar anacronicamente a ele uma identidade política e sexual, que *não* existia como hoje conhecemos” (CRONIN, 2015, n.p., tradução minha). Por esse motivo, a sua homossexualidade só pode ser inferida, e abordada metaforicamente na obra. No momento da consagração, Eva vê o espectro de Casement adentrando a igreja e se sentando ao lado do sobrinho; uma alma tão condenada quanto a de Casement. O sacrifício parece-lhe inevitável, pois assim como Casement estava condenado, MacMurrough lutaria ao lado dos meninos Jim e Doyler por amor.

Eva é finalmente capaz de aceitar que o amor de MacMurrough pelos meninos, Jim e Doyler, é legítimo. Através da percepção quimérica de Eva, a sombra de Casement é lançada anacronicamente sobre MacMurrough, como uma alma condenada após ter admitido estar apaixonado por um menino: [...] era o resultado lógico de um ambiente cultural no qual o homem em evolução era experiente. “Ela se lembrou de seu rosto no último encontro, uma alma angustiada e condenada, também ali uma sombra de Casement. E ainda havia esse amor, que ele não corou ao confessar: algum menino a nadar, ele também talvez na alegria da juventude; um amor que mandaria o seu sobrinho para as trincheiras” (O’NEILL, 2001, p. 484).<sup>4</sup>

A esse respeito, o fim trágico da vida de Casement prefigura o de *At Swim, Two Boys*, pois Doyler, parceiro de Jim e amante de MacMurrough, morre lutando no Levante da mesma maneira como o próprio Casement ensejava morrer pela Irlanda.

Embora os meninos lutassem por uma “nação do coração”, uma em que ser um homossexual seria o equivalente a ser um irlandês, sua meta não é imediatamente cumprida. *At Swim, Two Boys* foi publicado em 2001 no ápice do Tigre Celta, quando a Irlanda ainda tinha uma infraestrutura de discriminação contra as minorias extremamente difícil de dismantelar. Portanto, a luta de Jim após a morte de Doyler, e sua possível morte na subsequente Guerra Civil, implica que haveria ainda um longo caminho a percorrer e muitas batalhas a serem conquistadas por uma “nação do coração”.

---

<sup>4</sup> “She recalled his face upon their last interview, soul pained and doomed, there too a shade of Casement. And then, this love he had not blushed to avow: some bathing boy, he too perhaps in the joy of his youth; a love which would send him, her nephew, to the trenches” (O’NEILL, 2001, p. 484)

## ***THE KNIGHT OF THE FLAMING HEART: ROGER CASEMENT ENTRE AS MINORIAS***

O segundo romance de que tratarei é *The Knight of the Flaming Heart* (1995), escrito por Michael Carson, nascido na Inglaterra, mas residente na Irlanda. *The Knight of the Flaming Heart*, possui uma narrativa em mosaico, constituída por histórias aparentemente independentes de personagens que possuem algum vínculo com Roger Casement. A história principal se passa no final da década de 1980, no vilarejo de Ardfert, próximo a baía de Tralee, região costeira no oeste da Irlanda, onde Casement e seus companheiros desembarcaram de um submarino U19 vindo da Alemanha, em 21 de abril de 1916, para participar do Levante de Páscoa.

Esse também é o cenário da história de Boma Hephernam, uma mulher de 34 anos, de origem africana, adotada por pais irlandeses. Boma é envolvida sem o seu consentimento num ataque terrorista do IRA pelo namorado durante a gravidez. Traumatizada, ela deixa para trás a vida em Dublin e parte para Tralee, onde tenta tirar a própria vida atirando-se no Atlântico. Boma é salva por um homem de meia idade, de barba e olhos azuis, que lhe entrega uma medalha de uma ordem religiosa e pede para procurar pela pensão de Brid McCarthy e devolver-lhe o amuleto.

Brid a acolhe e fica surpresa com a devolução da medalha. Brid explica à Boma que quando criança ela havia dado a medalha a Roger Casement, após ter sido capturado em Tralee e levado como prisioneiro. Brid se comove ao perceber, pela descrição de Boma, que fora o espírito de Casement que salvara a moça e lhe pedira para devolver a medalha.

Brid a acolhe ao mesmo tempo que se assusta com a medalha que deu a Roger Casement quando jovem, no dia em que ele foi feito prisioneiro na cidade de Ardfert. A viúva solitária cujo único filho, Tim, havia partido cinco anos antes, deduz que foi o fantasma de Roger Casement que resgatou e guiou Boma através da encruzilhada de sua vida, preenchendo o buraco em seu coração.

A partir dessas duas histórias que unem o passado de 1916, ao conturbado presente, marcado pelos ataques do IRA, as demais vão surgindo e se entremeando, como as linhas de uma peça de tapeçaria. Temas polêmicos como o preconceito étnico-racial, o catolicismo, a maternidade fora do casamento e a AIDS são abordados, de forma fantástica e poética, na medida em que o fantasma de Casement começa a fazer milagres para tentar consertar o percebe como estando errado na Irlanda contemporânea.

Apesar da recepção entusiasmada dos milagres pela comunidade de Ardfert, o romance revela que a sexualidade de Casement permanece um tabu. A própria Brid MacCarthy, que insiste em negar a homossexualidade do filho, tem sua adoração pelo

revolucionário abalada quando, ao final da obra, o fantasma de Casement admite publicamente ter sido o autor dos *Black Diaries* de temática homossexual, cuja autenticidade é ainda hoje objeto de disputa entre biógrafos e historiadores:

Dei aos miseráveis Blackwell, Smith e todo o resto uma arma fácil e infalível para se voltar contra mim. [...] Nenhuma esposa para aconselhar cautela; para limpar meus pecadilhos como foi feito com Burton e, sem dúvida, muitos outros aventureiros errantes. [...] O padre Carey sabe tudo. [...] ele ouviu as histórias e eu não ficaria surpreso se ele tivesse lido as páginas fotografadas, onde eu queria cada imagem e som sensual registrados para mim, para meu próprio deleite futuro. Queria saber onde estava e onde estive. Eu não poderia contar a ninguém; Eu tive que contar a mim mesmo. Minhas anotações conseguiram manter viva para mim a breve chama dos meus amores. (CARSON, 1995, P. 236-7, original em *itálico*, tradução minha).<sup>5</sup>

A negação por parte de Brid de Casement como homossexual e autor dos *Black Diaries* é consonante com teoria da falsificação. Como Kathryn Conrad afirma, para que os nacionalistas irlandeses aceitassem Casement como um patriota e um mártir era preciso que “a sua homossexualidade fosse empurrada de volta para o armário e negada” (27). Por outro lado, a crença de Brid no celibato alegado pelo próprio Casement era uma opinião amplamente aceita, visto que, de acordo com Bram Dijkstra, o celibato:

[...] era o resultado lógico de um ambiente cultural em que se esperava que o homem em desenvolvimento combinasse uma atitude de beligerância socioeconômica a um ideal de continência pessoal a serviço do sucesso mundano. Assim, a desconfiança de todos os outros na área de realização pessoal veio a ser combinada com uma glorificação das virtudes do sacrifício e da abstinência (DIJKSTRA, p. 235, tradução minha).<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> “I gave the wretched Blackwell, Smith and the rest an easy and infallible weapon to turn against me. [...] No wife to counsel caution; to mop up my peccadillos as was done with Burton and, doubtless, many another errant adventurer. [...] Father Carey knows everything. [...] he has heard the stories and I would not be surprised if he has read the photographed pages, where I had wanted every last sensual sight and sound recorded for myself, for my own future delight. I wanted to know where I was, and had been. I could tell nobody; I had to tell myself. My jottings managed to keep alive for me the brief candle of my loves.” (CARSON, 1995, P. 236-7, original em *itálico*).

<sup>6</sup> “[...] was the logical outcome of a cultural environment in which the evolving male was expected to combine an attitude of socioeconomic belligerence with an ideal of personal continence in the service of worldly success. Thus, distrust of all others in the area of personal achievement came to be conjoined with a glorification of the virtues of sacrifice and abstinence” (DIJKSTRA, p. 235).

Nesse sentido, segundo o historiador Roger Sawyer, a vida dividida de Casement encapsula certos aspectos inerentes à sociedade irlandesa. Em termos da sua sexualidade, Sawyer afirma que “Casement ecoava a adulação da Irlanda pelo celibato”<sup>7</sup> (SAWYER, 1984, p. 1, tradução minha), pois para um patriota havia duas opções: o celibato ou a homossexualidade.

Consequentemente, o romance nos leva a pensar o gênero de uma maneira que desafia normas socialmente aceitas. Essas normas, de acordo com Judith Butler (2009), estão relacionadas à maneira por meio da qual atuamos no espaço público, a distinção entre espaços públicos e privados, e como essa distinção é instrumentalizada a serviço da política sexual. Assim, sujeitos que não expressam a performatividade de gênero esperada ou aceita são mais propensos a serem criminalizados com base em aparições públicas e deixam de ser protegidos pela lei ou pela polícia em espaços públicos e privados (BUTLER, 2009).

Roger Casement era o santo particular de Brid. Ela apreciava sua imagem de herói / santo / mártir irlandês e acreditava que os *Black Diaries* foram forjados para difamar seu caráter. Mais tarde ficamos sabendo que Brid na verdade reverenciava a identidade masculina desempenhada por Casement na esfera pública, pois ele não teve outra opção, visto que a homossexualidade foi descriminalizada na Grã-Bretanha apenas em 1967. Esse tipo de “performatividade” de gênero, conforme descrita por Judith Butler, indica que há uma certa encenação em seu nome, já que a “aparência” externa do gênero costuma ser confundida com um sinal de uma verdade interna ou inerente (BUTLER, 2009).

Consciente de que Brid o tinha em grande estima, o fantasma de Casement pensava que se ela conseguisse lidar com a sexualidade dele próprio, ela também aceitaria a sexualidade do filho, Tim:

Eu preferiria não saber sobre tudo isso. Pode me chamar de boba, se quiser, mas é assim. Não gosto da ideia de que você estava fazendo essas coisas com aquelas pobres pessoas – desencaminhando-as – ao mesmo tempo em que deveria estar ajudando-as”.

“[...] Você não acredita que só consegui realizar as minhas boas obras porque fui feito assim?”

“[...] Pecado é pecado”, disse ela.

Roddie suspirou, “Outra falha. Achei que se você me entendesse, você entenderia o Tim”.

---

<sup>7</sup> “Casement echoed Ireland’s adulation of celibacy” (SAWYER, 1984, p. 1)

“Estou velha demais para isso” (CARSON, 1995, p. 258, tradução minha).<sup>8</sup>

Desse modo, Casement deixa para Brid um documento confessando que ele havia sido tolo de não destruir seus diários, e sobre como era triste morrer deixando para trás grande um mal-entendido, mas que se ele fosse confessar a seus amigos e familiares que os rumores sobre sua homossexualidade eram verdadeiros, ele estaria testando sua amizade além dos limites da época.

O fantasma de Casement finalmente aparece para Brid e pergunta se ela continua incerta sobre a sexualidade dele e de Tim. Ela responde que já estava muito idosa e que ela preferia “não saber”. Roger suspira e diz que pensava que se ela o entendesse, poderia compreender o filho. Esse último diálogo revela a dificuldade de aceitar o Outro quando há um choque entre o que é exteriormente “performativizado” e a sexualidade de fato. No entanto, Brid parece não estar totalmente decepcionada com Casement ao admitir que ela vai continuar visitando o seu monumento e rezando para ele. Isso, somado ao fato de que no romance, homossexuais por toda a Irlanda encontraram em Roger Casement forças para sair do armário, sugere um momento de mudança e aceitação apontando para um futuro mais promissor.

## ENTRE “ANJOSE DEMÔNIOS”: ROGER CASEMENT E OS *BLACKDIARIES*

O último romance de que tratarei é *O Sonho do Celta*, do Peruano Mario Vargas Llosa, um dos mais ilustres escritores do boom literário latino-americano, cuja obra trata de corrupção, violência e exploração humana. Não por acaso, a vida do revolucionário irlandês chamou sua atenção. *O Sonho do Celta* é um romance biográfico que traz à tona o envolvimento de Roger Casement com o ciclo da borracha na África e na América do Sul. O julgamento de Casement é a sua espinha dorsal, fornecendo sequência para os eventos do passado sob forma de flashback.

---

<sup>8</sup> I’d rather not have known about all that. Call me a silly woman if you like, but that’s how it is. I don’t like the idea that you were doing those things to those poor people – leading them astray – at the same time you were supposed to be helping them about.”

“[...] Can’t you believe that I only managed the good works I achieved because I was made that way?”

“[...] A sin’s a sin”, she said.

Roddie sighed, “Another failure. I thought if you’d understood me, you might understand Tim”.

“I’m too old for all that” (CARSON, 1995, p. 258).

O romance se inicia na prisão de Pentonville, em Londres, quando o xerife anuncia a visita do assistente do seu advogado George Gavan Duffy. O jovem encara o preso friamente, com asco, e lhe diz que era impossível que o pedido de clemência fosse aceito. Casement pergunta a razão pela qual, o Sr. Gavan Duffy, que estava otimista sobre a petição, havia mudado de ideia. O assistente explica:

– Os diários – [...] A Scotland Yard os descobriu, na sua casa em Ebury Street. [...] Como pode colocar aquelas coisas no papel, homem de Deus. E, já que fez isso, como não tomou a precaução elementar de destruir esses diários antes de conspirar contra o império britânico. [...] Trechos desses diários estão circulando agora em toda a parte. (LLOSA 2011, p. 14)

Casement teria que pagar pelos dois crimes de que era acusado: a sua “traição” à Coroa britânica, ao aderir a causa irlandesa, e a “perversão”, com a descoberta dos *Black Diaries*, pelo Ministério do Interior. Contudo, o narrador de *OSC*, aos poucos, desconstrói essas acusações ao revelar que ambas são questionáveis, pois suscitam questões relativas, por um lado, às reais motivações de Casement ao participar do Levante e, por outro lado, à autenticidade dos *Black Diaries*. Em face de tais contradições que persistem até o desfecho da obra, inferimos que o Casement de Vargas Llosa é um “flawed hero” – ou seja, “um herói falho” – nas palavras do biógrafo Roger Sawyer (1984) – movido pelo desejo e pelo idealismo que o levou à força.

Para dar conta das complexidades inerentes a esse herói falho, Vargas Llosa cria um contexto de uma vida dupla ao opor a sua função de cônsul britânico aparentemente imaculado a sonhos eróticos homossexuais secretamente rabiscados em diários íntimos, conforme o seguinte excerto:

De vez em quando, como fizera tantas vezes na África e no Brasil, fazia amor a sós, rabiscando nas páginas do diário, com uma letra nervosa e apressada, frases sintéticas. [...] Esses simulacros o deixavam num torpor deprimente, [...] pois lhe davam, mais do que qualquer coisa, uma consciência aguda da solidão e da sua condição de clandestino que, sabia muito bem, o acompanharia até a morte. (LLOSA, 2011, p. 327)

Uma explicação para o comportamento de Casement, seria o puritanismo na Inglaterra dos séculos XIX e XX, quando a homossexualidade era considerada um crime, e associada a doenças e anormalidade, como nos explica Foucault em *História da Sexualidade* (1976). Logo que Casement escapa desse ambiente repressor, ele se sente livre para descobrir prazeres proibidos com jovens das colônias. A África e a América

do Sul eram para ele espaços geográficos de liberdade: “Lá os seres humanos podiam ser maltratados de maneira cruel, mas também manifestar suas paixões, fantasias, desejos, instintos e sonhos sem os empecilhos e preconceitos que, na Grã-Bretanha, sufocavam o prazer” (LLOSA, 2011, p. 243)

Contudo, na medida em que chega ao fim da sua vida, Casement, criado como protestante, deseja se reconciliar com a fé Católica e busca redenção: “Será que Deus, no momento supremo, faria todas as somas e subtrações? Ele o perdoaria? Castigaria? Roger estava curioso, não atemorizado. Era como se não se tratasse de si mesmo, mas de um exercício intelectual ou de adivinhação.” (LLOSA, 2011, p. 323). Nessa referência a Casement fazendo um acerto de contas com Deus, Vargas Llosa o retrata como um ser humano consciente de suas contradições: da relevância de seu trabalho humanitário no Congo e no Putumayo e, em contrapartida, da sua sexualidade proibida.

No “Epílogo”, Vargas Llosa assume a posição do narrador e oferece a sua visão acerca do legado de Casement ao ressaltar que ele continuaria a sofrer injustiças mesmo após a morte e ilustra seu argumento aludindo ao exame retal realizado no cadáver de Casement: “à simples vista”, o ânus revelava uma clara dilatação, assim como ‘a parte inferior do intestino.’”, que leva o médico a confirmar “as práticas a que o executado aparentemente era inclinado.” (LLOSA, 2011, p. 385). Por fim, Vargas Llosa dedica algumas linhas à controvérsia dos *Black Diaries*, alegando que sua impressão, como romancista, é a de que “Roger Casement escreveu os famosos diários, mas não os viveu, pelo menos não integralmente, que há neles muito de exagero e de ficção, que ele escreveu certas coisas porque gostaria de vive-las, mas não pode”. (LLOSA, 2011, p. 387)

Vargas Llosa conclui que a imagem de Casement como herói precursor dos direitos humanos no Congo e no Putumayo, foi comprometida pelos *Black Diaries*, visto que na Irlanda a simples suspeita de perversão sexual “condenava a pessoa ao opróbio” (OSC 386) e à exclusão social: “Não ficaram as marcas no Congo nem na Amazônia daquele que tanto fez para denunciar os grandes crimes cometidos nessas terras nos tempos da borracha.” (LLOSA, 2011, p. 388)

Em vez de dar uma solução definitiva para o enigma que é a vida de Roger Casement, Vargas Llosa mantém as suas ambivalências, pois, como escreveu José Henrique Rodó, citado em OSC, “um homem é muitos homens”, e feito tanto de “anjos” quanto de “demônios”. (LLOSA, 2011, p. 354).

## CONCLUSÃO

Conforme apresentado por meio da análise dos romances *At Swim, Two Boys*, de Jamie O'Neill, *The Night of the Flaming Heart*, de Michael Carson, e *O sonho do Celta*, de Mario Vargas Llosa, a controvérsia que gira em torno dos *Black Diaries* continua sendo um tema relevante nas representações ficcionais do revolucionário irlandês Roger Casement. A relação estabelecida entre homossexualidade e nação fica clara à medida que o encontro dos *Black Diaries* pelo Ministério do Interior britânico resultou no silenciamento do seu legado. O enforcamento de Casement não o transformou em um mártir, mas em uma *persona non grata* na história do mundo transatlântico da Irlanda, Inglaterra, África e América do Sul. Diante disso, eu pergunto se seria, de fato, possível fechar os olhos para a homossexualidade de Casement e retratar versões dele como se os *Black Diaries* não existissem. Ao olhar para obras de ficção contemporâneas que mergulham em torno da complexa figura de Roger Casement a resposta seria que não, pois a sua imagem torna-se inseparável de sua sexualidade.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. "Performativity, Precarity and Sexual Politics". **AIBR. Revista de Antropología Iberoamericana.**, v. 4, 3. Madrid: Antropólogos Iberoamericanos Septiembre-Diciembre 2009. Pp. i-xiii.
- BOLFARINE, Mariana. **Between Angels and Demons: Trauma in Fictional Representations of Roger Casement.** São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2018.
- CASEMENT, Roger. **Diário da Amazônia de Roger Casement.** Angus Mitchell, ed., Laura Izarra e Mariana Bolfarine, orgs., São Paulo: EDUSP, 2016.
- CARSON, Michael. **The Knight of the Flaming Heart.** Albany and London: Black Swan, 1996[1995].
- CONRAD, Kathryn. "Perverted Justice: Casement and the Treason of Ambiguity". **Locked in the Family Cell: Gender, Sexuality & Political Agency in Irish National Discourse.** Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2004.
- CRONIN, Michael. "Reviews of *At Swim, Two Boys* by Jamie O'Neill (Scribner), *Snapshots* by Jarlath Gregory (Sitric Books), *Standard Time* by Keith Ridgway (Faber&Faber)". **The Stinging Fly: New Writers**, 11 (2001-1). Web. 29 January 2015.

DIJKSTRA, Bram. “Poison Flowers; Maenads of the Decadence and the Torrid Wail of the Sirens”. **Idols of Perversity: Fantasies of Feminine Evil in Fin-de Seècle Culture**. Oxford and New York: Oxford University Press, 1986.

LLOSA, Mario Vargas. **O Sonho do celta**. Editora Objetiva: Rio de Janeiro, 2011[2010]

MULVANY, Maria. “Review of Robert F. Garratt, Trauma and History in the Irish Novel: The Return of the Dead. Basingstoke: Palgrave, 2011”. **Irish University Review** 42.1 (2012): 208-12. Web. 7 April 2016.

O’NEILL, Jamie. O’Neill, Jamie. **Disturbance**. 1989. Print.

O’NEILL, Jamie. **At Swim, Two Boys**. New York: Scribner, 2001. Print.

O’NEILL, Jamie. **Kilbrack**. Print. New York: Scribner, 2004. Print.

SAWYER, Roger. **The Flawed Hero**. London: Routledge, 1984.

Recebido em: 25 set. 2021.

Aceito em: 22 dez. 2021.